

O roubo de Europa por Júpiter, de Ovídio: uma análise das metonímias na perspectiva da Linguística Cognitiva

The Abduction of Europa, by Ovid: an analysis of metonyms from the perspective of Cognitive Linguistics

LUCAS ROCHA COELHO
Graduado em Letras - UNIPAM
E-mail: lucasrc1989@gmail.com

GEOVANE FERNANDES CAIXETA
Professor orientador - UNIPAM
E-mail: geovane@unipam.edu.br

Resumo: Apresenta-se um trabalho acerca da metonímia como um processo cognitivo. Objetiva-se mostrar, a partir das ocorrências no poema *O Roubo de Europa por Júpiter*, de Ovídio, a riqueza expressiva das metonímias, tendo como *background* a sua operação dentro de um Modelo Cognitivo Idealizado (MCI). Este artigo compõe-se de três partes: a primeira, acerca da expressividade, baseia-se nos estudos de Martins (2008), Warren e Wellek (1949) e Tavares (1974); a segunda, acerca da visão cognitiva sobre a metonímia, baseia-se nos estudos de Santos (2012) e Rydning (2005), os quais empregam vários conceitos de Langacker e Lakoff, e, por fim, a terceira, que analisa as metonímias do poema à luz das duas primeiras partes. Após empregar os conceitos estudados nas duas primeiras partes na análise das metonímias do poema *O Roubo de Europa por Júpiter*, de Ovídio, conclui-se que a metonímia, por meio dos MCIs, não está restrita a uma função referencial, mas possibilita o surgimento de uma nova forma.

Palavras-chave: Expressividade. Metonímia. Modelo Cognitivo Idealizado.

Abstract: This paper presents metonymy as a cognitive process. The objective is to show, from the occurrences in the poem *The Abduction of Europa*, by Ovid, the expressive richness of metonymies, having as a background their operation within an idealized cognitive model (ICM). This article is composed of three parts: the first, about expressiveness, is based on the studies by Martins (2008), Warren and Wellek (1949) and Tavares (1974); the second, about the cognitive view of metonymy, is based on the studies by Santos (2012) and Rydning (2005), who employ several concepts from Langacker and Lakoff, and, finally, the third, which analyzes the metonymies of the poem in the light of the two first parts. After applying the concepts studied in the first two parts to the analysis of the metonyms in Ovid's poem *The Theft of Europa by Jupiter*, we conclude that metonymy, through ICMS, is not restricted to a referential function but enables the emergence of a new form.

Keywords: Expressiveness. Metonymy. Idealized Cognitive Model.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Estudos sobre a linguagem são bastante antigos. Em se tratando da linguagem literária, por exemplo, Aristóteles, filósofo grego que viveu há mais de 2300 anos, em sua *Poética*, já se preocupava em definir o formato e a estética dos gêneros literários gregos. As figuras de linguagem também são temas estudados há muito tempo. Mas o que são figuras de linguagem?

De acordo com Rocha Lima (1972, p. 500), “figuras de linguagem são certas maneiras de dizer que expressam o pensamento ou o sentimento com energia e colorido, a serviço de intenções estéticas de quem as usa”. Ainda, segundo o gramático, as figuras são recursos naturais da linguagem, dos quais o escritor lança mão a fim de dar ao seu estilo vivacidade e beleza. Rocha Lima distingue três tipos de figuras: de palavras (ou tropos), de construção e de pensamento.

No que diz respeito à metonímia, as gramáticas tradicionais são relativamente uniformes ao defini-la. Eis algumas definições: “Baseado numa relação de contiguidade, origina-se este tropo das ideias evocadas por outra com a qual apresentam certa interdependência” (LIMA, 1972, p. 506); “Translação de significado pela proximidade de ideias” (BECHARA, 2009, p. 485). Percebe-se, portanto, que as definições arroladas evidenciam isto: a noção tradicional dada à figura de linguagem “metonímia” baseia-se na concepção de que se substitui um nome por outro e ambos estão de alguma maneira associados. Contudo, tais noções são ineficazes para se compreender a metonímia como um processo cognitivo, uma vez que as entidades inter-relacionadas constituem sentido por meio de processos complexos que possibilitam o surgimento de uma nova forma, e não a mera substituição de um nome por outro (SANTOS, 2012). Logo, surge o questionamento: de que modo se pode entender a metonímia como um processo cognitivo?

Objetivou-se, com este trabalho, mostrar que a metonímia é uma unidade conceptual que fornece acesso a outra unidade conceptual dentro de um mesmo modelo cognitivo. Objetivou-se ainda evidenciar a possibilidade expressiva da metonímia, assinalar a ineficácia das definições tradicionais ao tratar da metonímia, demonstrar que a metonímia opera dentro de um Modelo Cognitivo Idealizado (MCI), mostrar que a metonímia não se limita à função referencial da linguagem e, por fim, mostrar, no poema *O Roubo de Europa por Júpiter*, de Ovídio, que a metonímia é um processo cognitivo.

A fim de atingir os objetivos, utilizou-se de uma pesquisa bibliográfica que visou dar fundamentação à análise do *corpus*, constituído pelo poema *O Roubo de Europa por Júpiter*, do poeta latino Ovídio. Em seguida, prosseguiu-se à interpretação das metonímias presentes no *corpus* sob a ótica dos apontamentos constantes da pesquisa bibliográfica, em especial na seção acerca da visão da Linguística Cognitiva (LC) sobre as metonímias.

Nesse sentido, não se pôde desvincular as figuras de linguagem – neste projeto, nos dedicamos ao estudo da metonímia – dos recursos de expressividade que afloram dos mais variados textos. Contudo, os recursos de expressividade ainda não explicam suficientemente o porquê de uma metonímia ser compreendida e compartilhada na relação leitor e autor.

Objetivando embasar cada um dos dois eixos principais da bibliografia, utilizaram-se, principalmente, os estudos de Martins (2008) e de Warren e Wellek (1949) e de Tavares (1974) como sustentação para a seção acerca da estilística e expressividade. A fim de embasar o segundo eixo da pesquisa bibliográfica, que trata da LC e da visão conceptual aplicada às metonímias, utilizaram-se os estudos de Santos (2012) e de Rydning (2005), os quais empregam vários conceitos de Langacker e Lakoff.

Tem-se, invariavelmente, de pensar na metonímia como um processo conceptual, o qual perpassa pela seleção de partes mais representativas que possibilitam a conceptualização de uma coisa por sua relação com outra. A fim de alcançar tal objetivo, além da bibliografia de base da pesquisa, buscou-se mostrar, utilizando-se do célebre poema *O Roubo de Europa por Júpiter*, de Ovídio, que as metonímias são unidades conceptuais que fornecem acesso a outras unidades conceptuais dentro de um mesmo domínio.

2 ESTILÍSTICA E EXPRESSIVIDADE

No que diz respeito às figuras de linguagem, é necessário que se levem em conta aspectos que possam indicar o porquê de determinado autor ter construído um período usando uma e não outra, ou nenhuma. Considerando isso, surge a questão: como explicar a escolha por uma figura de linguagem? Invariavelmente, a resposta remeterá à estilística e aos efeitos expressivos.

Preliminarmente, deve-se considerar que a estilística não se limita ao intralinguístico. Aspectos extralinguísticos também devem ser levados em conta, uma vez que a linguagem é composta por um sistema em que os conhecimentos de mundo interligam-se e são compartilhados pelos usuários.

Charles Bally diferencia duas faces da linguagem: a intelectual ou lógica e a afetiva. Isso foi algo inédito nos estudos linguísticos, uma vez que se distingue com precisão o conteúdo linguístico do conteúdo estilístico, ou seja, delimita-se com precisão a informação neutra da carga subjetiva a ela acrescentada. Ainda de acordo com Bally (*apud* MARTINS, 2008, p. 20),

os efeitos expressivos, pelos quais o ser humano manifesta seus sentimentos e atua sobre o seu semelhante, são classificados em naturais (manifestações de prazer e desprazer, de admiração e desaprovação, processos de intensificação das ideias) e evocativos (que sugerem certo meio social ou certa época e aparecem, por exemplo, na língua familiar, na gíria, na língua profissional, na literária etc).

Nesse sentido, Bally destaca que a língua serve para que se possa exprimir ideias, emoções e desejos. Contudo, deve-se levar em conta que a língua é um fato social e, portanto, a fim de expressar essas ideias, emoções e desejos, empregam-se meios de expressão que os outros indivíduos conheçam e compreendam. Bally, em seus estudos, concentrou-se nos aspectos afetivos da língua falada, pois ele a considera como a mais

viva e espontânea, detentora de um sistema expressivo que deve ser estudado pela Estilística.

Em se tratando da estilística propriamente literária, deve-se mencionar a proposta de Erich Auerbach e sua monumental *Mimese: a representação da realidade na literatura ocidental*. O fio condutor da obra é “apreender os vários modos por que a experiência dos homens histórica, social, moral e religiosa tem sido representada em forma literária nas várias fases da cultura ocidental” (*apud* MARTINS, 2008, p. 25). Auerbach evidencia, segundo Warren e Wellek (1949), em cada um dos ensaios que compõem a obra, a vinculação entre estilo e concepção da realidade.

No que diz respeito aos efeitos expressivos, tem-se de considerar os apontamentos de Warren e Wellek (1949, p. 12), os quais destacam que a “a linguagem literária é muito mais que referencial. Ela tem o seu lado expressivo; transmite o tom e a atitude do falante ou do escritor. E ela não só declara e expressa algo, mas também busca influenciar a atitude do leitor, persuadi-lo, mudá-lo” (tradução nossa).

Portanto, considera-se que a expressividade não se limita a embelezar o texto. Os seus efeitos contribuem para guiar o leitor, auxiliando-o no processo interpretativo e no diálogo que ele estabelece com o texto.

3 CONCEPÇÕES DE METONÍMIA

É possível estudar as metonímias sob diferentes aspectos. Segundo Tavares (1974, p. 367), os tropos (alegoria, antonomásia, catacrese, imagem, metáfora, metonímia, símbolo e sinédoque) fazem parte das figuras de pensamento e ocorrem quando “as palavras e expressões apresentam-se em sentido translado e não no próprio”. Há autores que não distinguem a sinédoque da metonímia, como Wolfgang Kayser (*apud* TAVARES, 1974, p. 375), o qual considera que

em ambos os casos, trata-se de um desvio, ou seja, tomar a parte pelo todo (lar, em vez de casa e família), a matéria pelo produto (uva por vinho), um indício somático pelo indivíduo ou grupo de indivíduos (cabelo branco por velhice), o autor pela obra (ler Homero), a causa ou meio pelo efeito (língua em vez de idioma, letra em vez de caligrafia).

Nas próximas seções, serão abordadas as metonímias sob a ótica tradicional e sob a ótica conceptual.

3.1 METONÍMIA – VISÃO TRADICIONAL

Conforme visto anteriormente, as concepções tradicionais para o fenômeno da metonímia baseiam-se, sobretudo, na ideia de substituição. A seguir, serão apresentados alguns exemplos literários.

O primeiro exemplo é um trecho do poema de Manuel Bandeira, chamado *A última canção do beco*:

Lapa - Lapa do Desterro -,
Lapa que tanto pecais!
(Mas quando bate seis horas,
Na primeira voz dos sinos,
Como na voz que anunciava
A conceição de Maria,
Que graças angelicais!)
(BANDEIRA, 1977, p.123-124, destaque nosso).

De acordo com os manuais de gramática, há, aqui, uma metonímia de lugar pelos habitantes. O termo em negrito – *Lapa* – substituiria aquilo que o compõe, a saber, os habitantes desse local.

O segundo exemplo é este trecho d’*Os Lusíadas*, de Camões:

As armas e os barões assinalados
Que da Ocidental praia Lusitana
Por mares nunca de antes navegados
Passaram ainda além da Taprobana,
Em perigos e guerras esforçados
Mais do que prometia a força humana,
E entre gente remota edificaram
Novo Reino, que tanto sublimaram;

E também as memórias gloriosas
Daqueles Reis que foram dilatando
A Fé, o Império, e as terras viciosas
De África e de Ásia andaram devastando,
E aqueles que por obras valerosas
Se vão da lei da Morte libertando,
Cantando espalharei por toda parte,
Se a tanto me ajudar o engenho e arte.
(CAMÕES, 2018, p. 50, destaque nosso).

Nesse fragmento d’*Os Lusíadas*, há uma metonímia de instrumento pelos indivíduos que o utilizam. “As armas”, de acordo com os manuais de gramática tradicional, estariam substituindo os navegantes que saíram a velejar pelo mundo (e, é claro, usavam armas diversas ao fazê-lo).

O terceiro exemplo é o poema *D. João, Infante de Portugal*, de Fernando Pessoa, do livro *Mensagem*.

Não fui alguém. Minha alma estava estreita
Entre tão grandes almas minhas pares,
Inutilmente eleita,
Virgemente parada;

Porque é do português, pai de amplos mares,
Querer, poder só isto:

O inteiro mar, ou a **orla vã desfeita** -
O todo, ou o seu nada.
(PESSOA, 2019, *online*, destaque nosso).

Aqui, há uma metonímia de parte pelo todo, na qual a expressão em negrito substitui a ideia das espumas das ondas que são levadas até à costa, portanto, de acordo com os manuais de gramática, a parte pelo todo.

Esses exemplos, embora não esgotem totalmente as definições de metonímia apresentadas nas gramáticas tradicionais, fornecem um quadro geral de como tal assunto é abordado.

3.2 METONÍMIA – VISÃO CONCEPTUAL

Inicialmente, é necessário pontuar que a significação de uma metonímia está além de uma questão de estilo. No primeiro exemplo da sessão anterior, *Lapa*, naquele contexto, não está limitada a uma questão rítmica ou estética, porque esse termo carrega em si uma série de possibilidades expressivas que são ativadas no ato da leitura.

Isso mostra que, no processo metonímico, há a seleção de partes mais representativas de um todo, de modo a possibilitar a organização do pensamento e das ações, “permitindo a conceptualização de uma coisa por sua relação com outra” (SANTOS, 2012, p. 47).

Portanto, para a compreensão das metonímias como um processo cognitivo, é necessário que se leve em conta não a simples substituição de um termo por outro, mas a percepção de que esses termos guardam entre si traços comuns que, por meio de complexos processos, propiciam “o surgimento de uma forma nova, resultante de um processo de pensamento” (SANTOS, 2012, p. 48).

Segundo Baesse Abrahão (2011, p. 3),

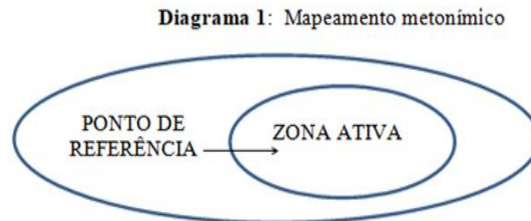
[...] os processos de significação promovidos pela metonímia possuem a força do específico, do particular, provocando no leitor/ouvinte um olhar para a materialidade, para o imediato. A metonímia seleciona o específico como modo de olhar e isso quase nunca passa por escolhas pessoais e sim culturais, sociais. Nesses momentos em que o homem se localiza a partir do específico, do particular, ele alicerça na realidade objetiva a sua referencialidade.

Pode-se, agora, definir *metonímia* em termos conceptuais: “Um mecanismo cognitivo por meio do qual um domínio experimental é parcialmente compreendido em termos de outro domínio incluído no mesmo domínio experimental” (LAKOFF, 1987, *apud* RYDNING, 2005, p. 394 – tradução nossa).

De acordo com Lakoff (1987, *apud* SANTOS, 2012), uma habilidade importante dos seres humanos é a capacidade de formar Modelos Cognitivos Idealizados (MCI). Os MCIs são criados socialmente e são acessíveis por meio da cultura. Nesse sentido, quando se pensa na metonímia como um processo conceptual, está-se destacando que

existem “pontos de referência cognitiva para uma categoria, viabilizando a emergência de normas e expectativas a partir das quais outros membros da categoria são avaliados” (SEGUNDO, 2016, p.10). Portanto, as metonímias fazem parte de um raciocínio que aponta para os mais variados propósitos, como quando se toma a parte pelo todo, o contingente pelo conteúdo, o indivíduo pela espécie.

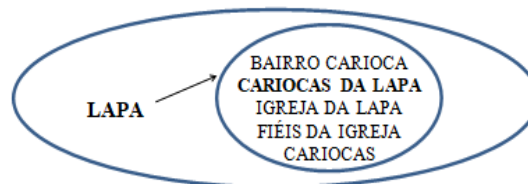
Langacker (1987, *apud* SANTOS, 2012) apresenta o mapeamento metonímico da seguinte forma:



Fonte: Santos, 2012, p. 49

Para que se entenda o mapeamento metonímico, é necessário que se retome a definição conceptual de metonímia, pois tanto o ponto de referência quanto a zona ativa são considerados entidades conceptuais. Assim se pode esquematizar a metonímia extraída dos versos de Bandeira do seguinte modo:

Diagrama 2 – Mapeamento metonímico de *Lapa*, nos versos de Bandeira



Fonte: elaboração própria, 2020.

Quando Manuel Bandeira emprega a metonímia no verso *Lapa que tanto pecais!*, tem-se de considerar que diversas possibilidades são levantadas pelos leitores. Por exemplo, o poeta pode ter-se referido ao bairro carioca, aos cariocas da Lapa, à famosa Igreja de Nossa Senhora da Lapa, aos fiéis que frequentam essa igreja ou aos cariocas de modo geral. Essa série de possibilidades levantadas chama-se *modelo cognitivo metonímico*. Portanto, o leitor tem de ressignificar o termo *Lapa*, porque, dentre diversas possibilidades, uma se mostra mais razoável (no caso, *cariocas da Lapa*). Mas por que *cariocas da Lapa* é mais razoável? Por causa do conhecimento de mundo do leitor, pois, caso o leitor conheça um pouco sobre a história da composição desse poema, saberá que Manuel Bandeira o fez alguns dias antes de se mudar de sua casa rumo a outro bairro no Rio de Janeiro. Contudo, se o leitor não dispusesse dessas informações, a interpretação estaria comprometida. Isso mostra que as metonímias são altamente

complexas e envolvem experiências e conhecimentos prévios, de modo que se pode afirmar, inequivocamente, que tal figura possui uma dimensão cultural vastíssima.

Nesse sentido, faz-se a análise das metonímias de *O Roubo de Europa por Júpiter*, de Ovídio, sob a ótica da LC. Busca-se evidenciar que as metonímias não estão limitadas a uma mera relação de substituição e que o enfoque cognitivo possibilita extrair mais significado dessa figura.

4 AS METONÍMIAS NO POEMA *O ROUBO DE EUROPA POR JÚPITER*

As Metamorfoses, de Ovídio, é um poema épico em quinze livros, o qual dá vida aos mitos greco-romanos mais importantes. “Sabe-se que os quinze cantos já haviam sido completados no ano 8 d. C., quando Ovídio foi exilado por ordem direta do *princeps* romano – Otavio Augusto” (FALCÓN, 2016, pos. 312).

Ovídio não dividiu de modo explícito *As Metamorfoses*, contudo é possível perceber um ordenamento geral. Os primeiros livros fazem referência aos mitos primordiais; no Livro I, por exemplo, estão os poemas *A Fundação do Mundo* e *O Dilúvio*; no Livro II, *O Roubo de Europa por Júpiter*. Os últimos, por sua vez, relacionam-se à história e à religião de Roma; no Livro XIII, por exemplo, encontram-se *O Sacrifício de Policena* e *A Metamorfose de Hécuba, sua Mãe*; no Livro XV, *A Alma de Júlio César Mudada em Cometa*. Por fim, há diversos poemas que conectam o início ao fim, devido tanto ao aspecto temporal, quanto aos temas e personagens (FALCÓN, 2016).

Acerca da proposta da obra e de seu tema, Falcón (2016, pós. 388) destaca que

Dicere formas in nova corpora mutatas, “falar de figuras que se mudaram em novos corpos”, é o propósito das *Metamorfoses*; e seu assunto receberá limites formais de começo e fim, respectivamente, na origem do mundo e na evolução de Roma. O tema, então, como o título já indicava, são as transformações ao longo da história universal, que abrange uma etapa cósmica, e outra, humana.

Logo na abertura do poema *O Roubo de Europa por Júpiter*, há um breve argumento sobre o que será tratado ao longo dos versos:

“Júpiter, apaixonado pela princesa Europa de Sídon, convoca Mercúrio e lhe ordena desviar o gado real, que pasta nos montes, rumo à praia, onde passeia a princesa. Tendo o arauto do Olimpo cumprido suas ordens, Júpiter metamorfoseia-se em um lindo touro e se mistura ao rebanho, já na praia. Passa então a cortejar a donzela, que aos poucos toma confiança e sobe em seu lombo. Distraindo-a, Júpiter entra paulatinamente nas águas do mar e atravessa com a princesa para Creta, onde realiza seu intento” (FALCÓN, 2016, pos. 2602).

Em linhas gerais, o poema tratará disso, conforme se nota a partir da leitura da tradução feita por Bocage para o português em versos decassílabos:

1. O grão Jove no céu Mercúrio chama
2. E, sem lhe declarar o amor que o fere,
3. “Vai, ministro fiel dos meus decretos,
4. Vai, filho meu, co’a sólita presteza;
5. Desce à terra (lhe diz) donde se avista
6. Tua mãe reluzindo à sestra parte,
7. E que os seus naturais Sidon nomeiam.
8. O armentio real, que ao longe a relva
9. No monte anda a pascer, dirige à praia”.
10. Disse, e já da montanha o gado expulso
11. Caminha à fresca praia, onde costuma
12. A do sidônio rei mimosa filha
13. Espairecer, folgar co’as tírias virgens.
14. A majestade e o amor não bem se ajustam;
15. Jamais o mesmo peito os acomoda.
16. Do cetro a gravidade enfim depondo
17. O pai e o rei dos deuses, Jove, aquele
18. Que armada tem do raio a sacra destra,
19. E que ao mínimo aceno abala o mundo,
20. Veste forma taurina, entre as manadas
21. Muge e pisa formoso as brandas ervas.
22. É cor da neve, que nem pés calcaram,
23. Nem co’as asas desfez o Sul chuvoso;
24. Alteia airosamente o móbil colo;
25. Das espáduas lhe pende, e bambaleia
26. A cândida barbela, as breves pontas
27. De industriosa mão lavor parecem,
28. Ganham no lustre à pérola mais pura.
29. Não tem pesado cenho, olhar terrível,
30. Antes benigna paz lhe alegre a fronte.
31. A filha de Agenor admira o touro,
32. Estranha ser tão belo, e ser tão manso.
33. Ao princípio, inda assim, teme tocar-lhe;
34. Vai-se depois avizinando a ele,
35. E as flores que apanhou lhe aplica aos beiços.
36. Ei-lo já pela relva salta e brinca,
37. Já põe na fulva areia o níveo lado.
38. À virgem pouco a pouco o medo extingue,
39. E agora oferece brandamente o peito,
40. Só para que lho afague a mão formosa,
41. Agora as pontas, que a real donzela
42. De recentes boninas lhe engrinalda.
43. Ela, enfim, que não sabe a que se atreve,
44. Ousa nas alvas costas assentar-se.
45. De espaço à beira-mar descendo o nume,
46. Põe mentiroso pé n’água primeira,

47. Vai depois mais avante... Enfim, nadando,
 48. Leva a presa gentil por entre as ondas.
 49. Ela, de olhos na praia, ela, medrosa,
 50. Segura uma das mãos numa das pontas,
 51. Sobre o dorso agitado a outra encosta;
 52. Enfuna o vento as sussurrantes vestes.
 53. Despida finalmente a falsa imagem,
 54. Eis aparece o deus, eis brilha Jove,
 55. E em teus bosques, ó Creta, Amor triunfa. (OVÍDIO, 2016)

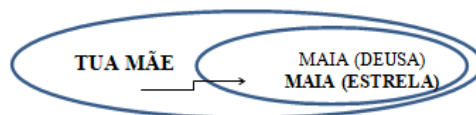
A seguir, será feita análise de metonímias presentes em alguns versos à luz do arcabouço teórico desenvolvido na seção *Metonímia – visão conceptual*.

4.1 METONÍMIA “TUA MÃE”

5. Desce à terra (lhe diz) donde se avista
 6. *Tua mãe reluzindo à sestra parte,*
 7. E que os seus naturais Sidon nomeiam

Júpiter, referindo-se à mãe de Mercúrio, utiliza como referência a estrela Maia. Nesse sentido, percebe-se que a escolha do poeta baseou-se numa metonímia que estabelece uma relação entre o indivíduo (a mãe, de fato, de Mercúrio) e uma classe a que essa mãe pertence (uma estrela). Mercúrio, “que viaja por meio de suas sandálias aladas, deve usar a estrela de sua mãe como ponto de referência para encontrar Sidon” (FALCÓN, 2016, pos. 2688), uma vez que essa região, na Fenícia (atual Líbano), estaria à esquerda da estrela. A estrela Maia é uma das Plêiades, grupo de estrelas que integra a constelação de Touro. Aqui, Ovídio consegue, em razão da verossimilhança, levar o leitor a acreditar que Júpiter ordena que seu filho se desloque tendo como referência a posição de sua mãe, sem, contudo, revelar suas intenções secundárias. Trata-se, portanto, de uma metonímia extremamente engenhosa e expressiva.

Diagrama 3 – Mapeamento metonímico do 6º verso



Fonte: elaboração própria, 2021.

De acordo com esse diagrama, que mostra o mapeamento metonímico do 6º verso, a expressão *tua mãe* funciona como o ponto de referência escolhido pelo poeta e, a partir dessa expressão, há apenas duas possibilidades viáveis de alvo (a deusa Maia ou a estrela Maia). O leitor, caso detenha o acervo de informações prévias suficientes, as quais foram discutidas anteriormente, perceberá que, a partir do contexto, a escolha

estrela Maia encaixa-se de modo mais efetivo. Isso prova, portanto, que “o ponto de referência é visto como um veículo capaz de acessar um alvo” (SANTOS, 2012, p. 40).

4.2 METONÍMIAS “MAJESTADE” E “AMOR”

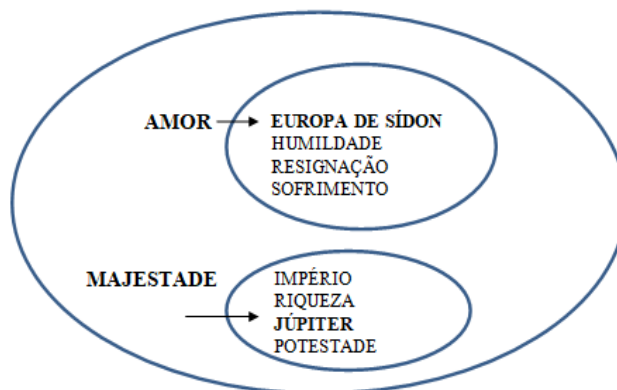
13. Espairecer, folgar co’as tírias virgens.
14. *A majestade e o amor não bem se ajuntam;*
15. Jamais o mesmo peito os acomoda.

Aqui, de acordo com Falcón (2016, pos. 2705),

[...] a transformação em touro por si já é espantosa; sendo Júpiter o transformado, é um rebaixamento monstruoso. E já que é duplo o escândalo, primeiro pela metamorfose, segundo pela qualidade do metamorfoseado, é muito decoroso antepôr-lhe uma observação ética, que suaviza o justo espanto do leitor, explicando de antemão que o amor erótico não coexiste com o respeito próprio.

Ovídio, ao empregar os termos *majestade* e *amor*, utiliza a metonímia para se referir aos dois personagens do poema – Júpiter (majestade) e Europa (amor). É interessante notar que esse emprego ganha ainda mais força caso o leitor leve em conta que Júpiter é o deus mais poderoso da mitologia greco-romana, portanto era também o soberano dos outros deuses. A princesa Europa, por sua vez, era filha do rei de Sídon, Agenor, e, nesse poema, representa o amor que sua figura desperta em Júpiter. A partir disso, tem-se este diagrama do mapeamento metonímico:

Diagrama 4 – Mapeamento metonímico do 14º verso



Fonte: elaboração própria, 2021.

De acordo com esse diagrama, há duas metonímias, as quais são esquematizadas separadamente. Na primeira, o ponto de referência utilizado pelo autor, *amor*, ativa diferentes alvos. Contudo, “os processos de significação promovidos pela metonímia possuem a força do específico, do particular” [...] (BAESSE, 2011, p. 3). Nesse

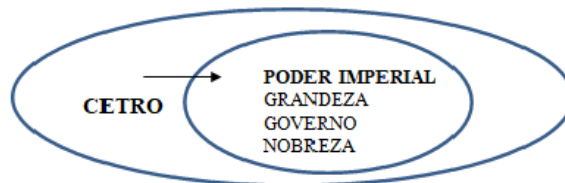
sentido, o ponto de referência *amor* remete ao alvo *Europa de Sídon*, uma vez que esse alvo é o mais específico dentre todas as outras possibilidades. Na segunda metonímia, o ponto de referência *majestade* ativa o alvo *Júpiter*; percebe-se que isso faz total sentido, uma vez que Ovídio, de algum modo, em seu poema, alerta os leitores quanto ao perigo da junção entre *amor* e *majestade*, de modo que a única leitura possível para esse ponto de referência é o próprio Júpiter, pois é rei dos reis.

4.3 METONÍMIA “CETRO”

16. *Do cetro a gravidade enfim depondo*

Aqui, Ovídio opta por colocar em paralelo a grandeza de Júpiter como rei dos deuses e a baixeza da transformação taurina. Então, quando Ovídio, referindo-se à atitude de Júpiter, escreve que este depôs a gravidade do cetro, deve-se entender a opção do poeta pela expressão *Do cetro* como um recurso estilístico enfático e expressivo, uma vez que essa expressão é tomada metonimicamente, significando o objeto (cetro) pela coisa significada (poder imperial). De certo modo, Ovídio destaca que a metamorfose de Júpiter foi escandalosa, pois ocorreu em virtude do resultado nefasto do amor (FALCÓN, 2016). Essa metonímia, portanto, tem o papel de reforçar a humilhação de Júpiter e de mostrar os riscos do amor para aqueles que desempenham funções de comando. Esquematizando-a, tem-se este diagrama:

Diagrama 5 – Mapeamento metonímico do 16º verso



Fonte: elaboração própria, 2021.

De acordo com esse diagrama, o ponto de referência *cetro* ativa o alvo *poder imperial*. Pode-se dizer que o que estava presente na memória e na intuição das pessoas (*poder imperial*) se corporifica e toma a forma de algo mais concreto (*cetro*). Ademais, tendo como base o exposto no parágrafo anterior, pode-se considerar que a metonímia conceptual possui um significativo alcance sociocultural, o qual, portanto, não pode ser desvinculado de fatores estilísticos, e que estão, de certo modo, condicionados à expressividade pretendida pelo poeta.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho iniciou-se com uma discussão acerca da expressividade, a qual não se limita ao intralinguístico – fatores extralinguísticos têm muita relevância, uma vez que conhecimentos de mundo interligam-se e, a fim de que determinada construção literária seja expressiva, esses conhecimentos têm de ser compartilhados pelos falantes. Ademais, a sua função está muito além de somente embelezar o texto, porque o leitor, ao perceber seus efeitos, consegue aprofundar-se em camadas mais profundas do texto, o que possibilita novas possibilidades interpretativas. Em seguida, apresentou-se a figura de linguagem *metonímia* tanto sob a ótica das gramáticas tradicionais quanto sob a ótica da linguística cognitiva; evidenciou-se que esta última fornece mais possibilidades interpretativas para essa figura, visto que, ao contrário daquilo que a visão tradicional defende, tem-se o surgimento de uma forma nova para ler e entender metonímias – isso somente é possível caso sejam considerados os conceitos *ponto de referência* e *zona ativa*. Por fim, a partir do *corpus*, o qual se constituiu do poema *O Roubo de Europa por Júpiter*, de Ovídio, traduzido por Bocage, procedeu-se ao mapeamento metonímico das metonímias presentes no poema.

A pergunta que guiou este trabalho (*de que modo se pode entender a metonímia como um processo cognitivo?*), pôde ser respondida do seguinte modo: por meio dos Modelos Cognitivos Idealizados (MCIs), a compreensão da metonímia como um processo cognitivo possibilita que os termos envolvidos sejam analisados não mais a partir de uma relação de substituição, mas, na verdade, a partir de traços comuns, os quais possibilitam o surgimento de uma forma nova, a qual é resultante de um processo de pensamento (SANTOS, 2012).

A partir das metonímias pinçadas do poema *O Roubo de Europa por Júpiter*, percebeu-se que o mapeamento metonímico possibilita acessar nuances que, muito provavelmente, passariam despercebidas. O mapeamento metonímico do 6º verso, por exemplo, evidenciou que a metonímia desse verso não se limita à relação entre a classe e o indivíduo a que pertence o termo *Tua mãe*, uma vez que diversas informações prévias têm de ser ativadas, levando-se em conta, até mesmo, constelações e aspectos geográficos. Deve-se considerar também que o mapeamento metonímico, embora aponte para uma zona ativa, não impede que outras possibilidades interpretativas existam. A fim de comprová-lo, basta que se leve em conta o mapeamento metonímico do 14º verso, pois, em alguma medida, Júpiter incorpora a *majestade* e Europa de Sídon, o *amor*; isso concorre para a expressividade pretendida pelo poeta, não apenas nesse verso, mas também em todo o poema.

Por fim, espera-se que este trabalho contribua para estudos sobre a metonímia como um processo cognitivo, uma vez que essa área é relativamente recente e, por esse mesmo motivo, ainda apresenta novas possibilidades de pesquisa.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Poética**. Tradução de Eudoro de Souza. São Paulo: Abril Cultural, 1973 (Coleção *Os Pensadores*).

BAESSE ABRAHÃO, Virgínia Beatriz. A metonímia em *London London*, conto de Caio Fernando Abreu. **Revista do Sell**, [S. l.], v. 1, n. 1, jan. 2011. Disponível em: <http://seer.uftm.edu.br/revistaeletronica/index.php/sell/article/view/11/13>. Acesso em: 07 jun. 2021.

BALLY, Charles. **El lenguaje y la vida**. 5. ed. Buenos Aires: Losada, 1951.

BANDEIRA, Manuel. **Antologia Poética**. 9. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977.

BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37. ed. rev. atual. e aum. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

CAMÕES, Luís de. **Os Lusíadas**: comentários de Francisco de Sales Lencastre. Porto Alegre: Concreta, 2018.

FALCÓN, Rafael Sento-Sé Guimarães (org.). **Metamorfoses de Ovídio (seleta)**. Porto Alegre: Concreta, 2016. Tradução de Bocage.

LIMA, Carlos Henrique da Rocha. **Gramática Normativa da Língua Portuguesa**. 4. ed. Rio de Janeiro: Jose Olympio, 1972.

MARTINS, Nilce Sant'Anna. **Introdução à Estilística**: a expressividade na língua portuguesa. 4. ed. rev. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2008.

OVÍDIO, Públio Naso. **As Metamorfoses**: tradução de Bocage e comentários de Rafael Falcón. Porto Alegre: Concreta, 2016. ISBN 978-85-68962-11-4. *E-book*.

PESSOA, Fernando. **Mensagem**. [S. l.]: Mimética, 2019. *E-book*.

RYDNING, Atin Fougner. The Return of Sense on the Scene of Translation Studies in the Light of the Cognitive Blending Theory. **Meta**, [S. l.], v. 50, n. 2, p. 392-404, 20 jul. 2005. Disponível em: <https://www.erudit.org/fr/revues/meta/2005-v50-n2-meta881/010989ar.pdf>. Acesso em: 14 jun. 2021

SANTOS, Ioane Aires. Um estudo sobre a metonímia como um processo cognitivo. **PERcursos Linguísticos**, [S. l.], v. 2, n. 5, p. 40-56, 2012. Disponível em: <https://www.periodicos.ufes.br/percursos/article/view/3568>. Acesso em: 15 jun. 2021.

SANTOS, Ione Aires. **Um estudo sobre a metonímia como um processo cognitivo**. 2011. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2011. Disponível em: http://portais4.ufes.br/posgrad/teses/tese_5064_Disserta%E7%E3o%20Ione%20Aires%20-%20Completa.pdf. Acesso em: 5 jun. 2021.

SEGUNDO, Paulo Roberto Gonçalves. **Categorização**: protótipos e categorias radiais: modelos cognitivos idealizados e esquemas imagéticos. São Paulo: FFLCH-USP, 2016. 12 p. Apostila.

TAVARES, Hênio Último da Cunha. **Teoria Literária**. 5. ed. rev. Belo Horizonte: Itatiaia, 1974.

WELLEK, René; WARREN, Austin. **Theory of Literature**. New York: Harcourt, Brace and Company, 1949.